

UMA MANEIRA DE VER AS PESSOAS E O LUGAR: A FENOMENOLOGIA NA PESQUISA DO COMPORTAMENTO AMBIENTAL¹

A way of seeing people and place: phenomenology in environment-behavior research

David Seamon²

RESUMO

Este artigo examina a abordagem fenomenológica, pois ela pode ser usada para explorar questões ambientais e arquitetônicas. Depois de discutir a natureza da fenomenologia em termos gerais, o texto apresenta duas suposições principais da abordagem fenomenológica: (1) que as pessoas e o meio ambiente compõem um todo indivisível; (2) que o método fenomenológico pode ser descrito em termos de um “empirismo radical”. Este artigo considera três métodos fenomenológicos específicos: (1) pesquisa fenomenológica em primeira pessoa; (2) pesquisa fenomenológico-existencial; e (3) pesquisa fenomenológico-hermenêutica. Em seguida, o artigo discute confiabilidade e credibilidade, pois elas podem ser entendidas fenomenologicamente. Finalmente, a revisão considera o valor da fenomenologia para o design ambiental.

Palavras-chave: Arquitetura. Paisagem. Experiência ambiental. Lar.

ABSTRACT

This review examines the phenomenological approach as it might be used to explore environmental and architectural issues. After discussing the nature of phenomenology in broad terms, the review presents two major assumptions of the phenomenological approach: (1) that people and environment compose an indivisible whole; (2) that phenomenological method can be described in terms of a “radical empiricism.” The review then considers three specific phenomenological methods: (1) firstperson phenomenological research; (2) existential-phenomenological research; and (3) hermeneutical-phenomenological research. Next, the article discusses trustworthiness and reliability as they can be understood phenomenologically. Finally, the review considers the value of phenomenology for environmental design.

Keywords: Architecture. Landscape. Environmental experience. Home.

¹ Publicado originalmente como capítulo 13 da obra “*Theoretical perspectives in environment-behavior research*” (WAPNER, S. et al., 2018). Tradução de Alvaro Letelier Hidalgo.

² Professor de Arquitetura na Kansas State University. triad@ksu.edu.

✉ Architecture Department, Kansas State University, 211, Seaton Hall, Manhattan, KS, EUA. 66506-2901.

INTRODUÇÃO

Em termos mais simples, a fenomenologia é o estudo interpretativo da experiência humana. O objetivo é examinar e esclarecer situações, eventos, significados e experiências humanas “como eles ocorrem espontaneamente no curso da vida diária” (VON ECKARTSBERG, 1998, p. 3). O objetivo é “uma descrição rigorosa da vida humana como é vivida e refletida em toda a sua concretude, urgência e ambiguidade em primeira pessoa” (POLLIO *et al.*, 1997, p. 5).

Essa definição preliminar, no entanto, é simplificada demais e não captura de maneira completa ou o alcance da investigação fenomenológica. Herbert Spiegelberg, o eminente filósofo fenomenológico e historiador do movimento fenomenológico, declarou que existem tantos estilos de fenomenologia quanto fenomenólogos (SPIEGELBERG, 1982, p. 2) – uma situação que dificulta a articulação de um retrato completo e preciso da tradição.

Neste artigo, posso apenas afirmar que apresento minha compreensão da fenomenologia e seu significado para a pesquisa de comportamento ambiental. Como geógrafo fenomenológico em um departamento de arquitetura, minhas principais ênfases de ensino e pesquisa estão relacionadas à natureza do comportamento e da experiência ambiental, especialmente em termos do ambiente construído. Estou particularmente interessado em saber por que os lugares são importantes para as pessoas e como a arquitetura e o design ambiental podem ser um veículo para a produção de locais.

Estudos fenomenológicos empíricos com os quais me envolvi vão desde o uso da minha própria experiência pessoal para compreender a natureza de um lugar particular (SEAMON, 1992) até a interpretação da fotografia e da literatura imaginativa como uma maneira de entender as qualidades experienciais essenciais da relação pessoa-ambiente

(SEAMON, 1990a; 1993). Também escrevi sobre as maneiras pelas quais a abordagem fenomenológica pode ser usada para interpretar a arquitetura e contribuir para um melhor design ambiental (COATES; SEAMON, 1993; SEAMON, 1990b; 1991; 1993b; 1994; LIN; SEAMON, 1994).

Ao demonstrar neste capítulo o valor da fenomenologia para a pesquisa de comportamento ambiental, ocasionalmente utilizo meus próprios estudos, mas dou mais atenção ao trabalho fenomenológico feito por outros pesquisadores, já que a amplitude das possibilidades fenomenológicas é considerável, e meu trabalho indica apenas uma pequena parte do todo potencial. Ao longo do capítulo, a maioria dos estudos aos quais me refiro é explicitamente fenomenológico, embora ocasionalmente eu incorpore um trabalho que é implicitamente fenomenológico em que os autores optam por não envolver diretamente a tradição (BRILL, 1993; POCIUS, 1993; TUAN, 1993) ou não sabem que sua abordagem, métodos e resultados são paralelos a uma perspectiva fenomenológica (KRAPFEL, 1990; LIPTON, 1990; WALKEY, 1993). Eu justifico a inclusão desses estudos porque eles apresentam aspectos da vida e experiência humana de novas maneiras, identificando qualidades e padrões generalizáveis que surgem da vida e experiência humanas cotidianas – por exemplo, qualidades do ambiente construído que contribuem para um senso de lugar, ordem e beleza (ALEXANDER, 1987; 1993; ALEXANDER *et al.*, 1977; SILVERSTEIN, 1993b; RATTNER, 1993)³.

Especificamente, discuto neste capítulo os seguintes temas:

- A natureza da fenomenologia;
- Pressupostos chave de uma abordagem fenomenológica;

³ Neste artigo, destaquei a pesquisa dos últimos dez anos. Para discussões sobre trabalhos fenomenológicos anteriores relacionados à pesquisa de comportamento ambiental, conferir (SEAMON, 1982; SEAMON, 1987; SEAMON, 1989).

- A metodologia da pesquisa fenomenológica empírica;
- Confiança e pesquisa fenomenológica;
- Fenomenologia e design ambiental.

A NATUREZA DA FENOMENOLOGIA

A fenomenologia é uma ciência crítica e descritiva que está relacionada, no método e na perspectiva filosófica, a outras tradições interpretativas que incluem o existencialismo e a hermenêutica (STEWART; MUKUNIS, 1990). A fenomenologia inclui diferentes abordagens conceituais que vão da fenomenologia transcendental ou “pura” do filósofo Edmund Husserl à fenomenologia hermenêutica do filósofo Paul Ricoeur à fenomenologia existencial dos filósofos Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty (SPIEGELBERG, 1982). Ao usar o termo aqui, refiro-me a um modo de saber que procura descrever as qualidades essenciais subjacentes da experiência humana e do mundo em que essa experiência acontece (BURCH, 1989; POLLIO, 1997; VALLE, 1998; VAN MANEN, 1990).

Eu, portanto, defino a fenomenologia como a exploração e descrição dos fenômenos, onde os fenômenos se referem a coisas ou experiências enquanto os seres humanos as experimentam. Qualquer objeto, evento, situação ou experiência que uma pessoa possa ver, ouvir, tocar, cheirar, sentir, intuir, conhecer, compreender ou viver é um tópico legítimo para a investigação fenomenológica.

O objetivo final da pesquisa fenomenológica, no entanto, não são as descrições idiossincráticas do fenômeno, embora tais descrições sejam frequentemente um importante ponto de partida para a fenomenologia existencial. Em vez disso, o objetivo é usar essas descrições como uma base para descobrir semelhanças subjacentes que marcam o núcleo essencial do fenômeno. Em outras palavras, o

fenomenólogo presta atenção a instâncias específicas do fenômeno com a esperança de que essas instâncias, no tempo, apontem para qualidades e características mais gerais que descrevam com precisão a natureza essencial do fenômeno, uma vez que ele tem presença e significado nas vidas e experiências concretas dos seres humanos.

Algumas hipóteses essenciais de uma abordagem fenomenológica

Nos últimos anos, tem surgido um número crescente de trabalhos que discutem a relação da fenomenologia com os mundos acadêmico e profissional em termos gerais (BURCH, 1989; 1990; 1991; EMBREE, 1997; STEWART; MUKUNIS, 1990) e disciplinas específicas – por exemplo, antropologia (JACKSON, 1996; WEINER, 1991); arte (BERLEANT, 1991; DAVIS, 1989; JONES, 1989); educação (VAN MANEN, 1990); design ambiental (BERLEANT, 1992; CONDON, 1991; CORNER, 1990; DOVEY, 1993; MUGERAUER, 1994; HOWETT, 1993; VESELY, 1988); geografia (CLOKE *et al.*, 1991, cap. 3; RELPH, 1989a, 1989b, 1990; SEAMON, 1997); psicologia (MOUSTAKIS, 1994; POLLIO *et al.*, 1997; VALLE, 1998); filosofia (Casey, 1993, 1996); e ciências naturais (BORTOFT, 1997; HEELAN, 1983; JONES, 1989; RIEGNER, 1993; SEAMON; ZAJONC, 1998).

Em grande parte deste trabalho, os comentaristas colocaram a fenomenologia dentro da ampla abordagem conceitual e metodológica da pesquisa qualitativa (CLOKE *et al.*, 1991; LINCOLN; GUBA, 1985; LOW, 1987). Por exemplo, Patton (1990, p. 66-91) associa a fenomenologia a outras teorias qualitativamente-orientadas e orientações como etnografia, investigação heurística, etnometodologia, interacionismo simbólico e psicologia ecológica. Patton argumenta que, em termos mais amplos, todas essas perspectivas apresentam variações na “teoria fundamentada”

(GLASER; STRAUSS, 1967) – em outras palavras, perspectivas assumindo “métodos que levam o pesquisador para perto do mundo real assim os resultados e descobertas são ‘fundamentados’ no mundo empírico” (PATTON, 1990, p. 67). Essa perspectiva aborda a teoria indutivamente, em contraste com a “teoria gerada pela dedução lógica de pressupostos *a priori*” (PATTON, 1990, p. 66).

A identificação de Patton da fenomenologia com orientações qualitativas é certamente aceitável, embora também seja importante perceber que essas várias perspectivas qualitativas envolvem tantas diferenças quanto semelhanças, assim, por exemplo, a pesquisa etnográfica tipicamente estuda uma “determinada” pessoa ou grupo em um “determinado” lugar no tempo; em contraste, um estudo fenomenológico poderia começar com uma situação similar do mundo real, mas depois usaria essa instância específica como base para identificar padrões, estruturas e significados mais profundos e mais generalizáveis. Da mesma forma, tanto o interacionismo simbólico quanto a fenomenologia examinam os tipos de símbolos e entendimentos que dão sentido a um determinado grupo ou modo de viver e experimentar da sociedade. A perspectiva do interacionista simbólico, no entanto, geralmente enfatiza mais as camadas de significado mais explícitas, derivadas cognitivamente, enquanto uma perspectiva fenomenológica define o significado de uma maneira mais ampla que inclui as dimensões corporal, visceral, intuitiva, emocional e transpessoal.

A fenomenologia, portanto, pode ser identificada como um estilo de pesquisa qualitativa, mas envolvendo um fundamento conceitual e metodológico particular. Aqui, destaco dois pressupostos gerais que, pelo menos para mim, marcam o núcleo essencial de uma abordagem fenomenológica:

- Pessoa e mundo como intimamente parte e parcela;
- Fenomenologia como um empirismo radical.

Enfatizo essas duas amplas suposições porque a primeira diz respeito ao assunto particular da fenomenologia, enquanto a segunda se refere aos meios pelos quais essa matéria deve ser entendida. Espero que a discussão desses dois pressupostos dê ao leitor uma melhor noção do que torna a fenomenologia distintiva e como essa distinção pode oferecer uma ferramenta valiosa para a pesquisa de comportamento ambiental.

Pessoa e mundo, intimamente parte e parcela

Um foco central da fenomenologia é a maneira como as pessoas existem em relação ao seu mundo. Em “Ser e Tempo”, Heidegger (1962) argumentou que, na filosofia e psicologia convencionais, a relação entre pessoa e mundo foi reduzida a uma perspectiva idealista ou realista. Em uma visão idealista, o mundo é uma função de uma pessoa que age no mundo através da consciência e, portanto, ativamente conhece e molda seu mundo. Em contraste, uma visão realista vê a pessoa como uma função do mundo em que o mundo age sobre a pessoa e ela reage. Heidegger afirmou que ambas as perspectivas estão fora de contato com a natureza da vida humana, porque elas assumem uma relação de separação e direção entre a pessoa e o mundo que não existe no mundo da experiência vivida.

Em vez disso, Heidegger argumentou que as pessoas não existem separadas do mundo, mas estão intimamente envolvidas e imersas. Existe, em outras palavras, uma “unidade indissolúvel” entre as pessoas e o mundo (STEWART; MICKUNAS, 1990, p. 9). Essa situação – sempre dada, nunca escapável – é o que Heidegger chamou de *Dasein*, ou **ser-no-mundo**. É impossível perguntar se a pessoa faz o mundo ou o mundo faz a pessoa porque ambos existem sempre juntos e só podem ser corretamente interpretados em termos do relacionamento

holístico, ser-no-mundo (POCOCK, 1989; RELPH, 1989a; SEAMON, 1990a). Nesse sentido, a fenomenologia suplanta as divisões idealistas e realistas entre pessoa e mundo com uma concepção na qual os dois são indivisíveis – um todo do mundo da pessoa que é um em vez de dois. Um grande desafio fenomenológico é descrever essa intimidade do mundo da pessoa de um modo que legitimamente escape a qualquer dicotomia sujeito-objeto.

Um tema amplo que os fenomenólogos desenvolveram para superar essa dicotomia é a **intencionalidade** – o argumento de que a experiência e a consciência humanas necessariamente envolvem algum aspecto do mundo como seu objeto, que, reciprocamente, fornece o contexto para o significado de experiência e consciência (STEWART; MICKUNAS, 1990, p. 90; POLLIO, 1997, p. 7). Ao examinar as relações intencionais das pessoas com seus mundos, os pesquisadores de comportamento ambiental que usam a fenomenologia têm-se baseado tipicamente em duas noções centrais que reviso aqui – **mundo da vida** e **lugar**. Essas noções são significativas para uma abordagem fenomenológica da pesquisa de comportamento ambiental porque cada uma se refere a um fenômeno que, em sua própria constituição, mantém pessoas e mundo sempre juntos e também diz muito sobre os aspectos físicos, espaciais e ambientais da vida humana e eventos.

Mundo da vida

O mundo da vida refere-se ao contexto tácito, tenor e ritmo da vida cotidiana a que normalmente as pessoas não dão atenção reflexiva. O mundo da vida inclui tanto a rotina quanto o incomum, o mundano e o surpreendente. Quer uma experiência seja comum ou extraordinária, no entanto, o mundo da vida em que a experiência acontece normalmente está longe da vista. Normalmente, os seres

humanos não fazem de suas experiências no mundo da vida um objeto de percepção consciente. Em vez disso, essas experiências “simplesmente acontecem”, e as pessoas não refletem em como elas acontecem, se elas poderiam acontecer de forma diferente, ou de quais estruturas experienciais maiores elas poderiam fazer parte. Um dos meus primeiros esforços fenomenológicos foi um extenso estudo que procurou identificar os aspectos geográficos subjacentes do mundo da vida, que explorei em termos de três temas existenciais – **movimento, descanso e encontro** (SEAMON, 1979).

Um enfoque de pesquisa, relacionado ao mundo da vida em pesquisas fenomenológicas recentes, é a percepção dada como certa (ABRAMS, 1996; POCOCK, 1993). Por exemplo, em parte influenciada pelos trabalhos seminais sobre as dimensões acústicas do mundo da vida por Schafer (1977) e Berendt (1985), tem havido estudos fenomenológicos das formas multimodais em que os sentidos contribuem para a consciência e compreensão humana (JARVILOUUMA, 1994; POCOCK, 1993; PORTEOUS, 1990; SCHONHAMMER, 1989; TUAN, 1993). Outros pesquisadores fenomenológicos tem refletido em como circunstâncias particulares relacionadas ao ambiente ou à pessoa levam a experiências particulares do mundo da vida, assim Behnke (1990) e Rehorick (1986) examinaram a experiência dos terremotos fenomenologicamente, enquanto Hill (1985) explorou o mundo da vida dos cegos e Toombs (1992a, 1995a, 1995b) recorreu a sua própria experiência de esclerose múltipla progressiva crônica para fornecer uma explicação fenomenológica da experiência humana da deficiência.

Um estudo perspicaz relacionado a aspectos materiais do mundo da vida é o exame arquitetônico de Palaasma de como a estética de *design* dos edifícios de estilo modernista enfatizava o intelecto e a visão e como uma arquitetura mais abrangente acomodaria uma experiência

ambiental de todos os sentidos e sentimentos (PALLASMAA, 1996). Outro estudo que liga o mundo da vida ao ambiente físico é o esforço de Nogué i Font para uma fenomenologia da paisagem (NOGUÉ I FONT, 1993). Ele tentou descrever o caráter essencial da paisagem de *Garrotxa*, uma região da Catalunha no sopé dos Pireneus ao norte de Barcelona. Ao desenvolver uma fenomenologia dessa região, Nogué i Font conduziu entrevistas detalhadas com cinco grupos de pessoas familiarizadas com *Garrotxa* de várias maneiras – fazendeiros, pintores de paisagens, turistas, caminhantes e residentes recém-chegados que antes eram urbanos.

Neste estudo, Nogué i Font abordou uma questão fenomenológica central: pode haver uma fenomenologia da paisagem por si só, ou existe apenas uma fenomenologia daquela paisagem enquanto indivíduos e grupos particulares a experimentam e a conhecem? Ele concluiu que ambas as fenomenologias existem, e uma não exclui a outra. Ao descrever os significados de *Garrotxa* para os agricultores e pintores, por exemplo, Nogué i Font descobriu que, em alguns aspectos, a paisagem tem significados significativamente contrastantes para os dois grupos. Apesar dessas diferenças, no entanto, tanto fazendeiros quanto pintores falaram de certos elementos físicos e experimentaram qualidades que marcam a singularidade de *Garrotxa* como uma “coisa em si”. Por exemplo, ambos os grupos viram a região como uma paisagem selvagem e emaranhada de desfiladeiros, precipícios e florestas que invocam um senso de respeito e resistência.

Lugar

Uma dimensão significativa do mundo da vida é a experiência humana de lugar, que, apesar das críticas de não-fenomenólogos (RAPOPORT, 1993), continua a ser um dos principais focos do trabalho fenomenológico na pesquisa de comportamento ambiental (BARNES,

1992; BOSCHETTI, 1993; CHAFFIN, 1989; HESTER, 1993; HUFFORD, 1988; OLDENBURG, 1989; POCIUS, 1991; PORTEOUS, 1989; RELPH, 1993; SEAMON, 1992; 1993; SHERRY, 1998; SMITH, 1989; WEIMER, 1991).

Em filosofia, Casey (1993; 1996) escreveu dois relatos extensos que defendem o lugar como uma estrutura ontológica central que funda a experiência humana: “lugar, em virtude de sua **capacidade-não-abrangente**⁴ de qualquer coisa diferente de si, é ao mesmo tempo, o limite e a condição de tudo que existe [...] Lugar⁵ serve como a **condição** de todas as coisas existentes [...] Ser é estar no lugar” (CASEY, 1993, p. 15-16, destaques no original). Baseando-se em Merleau-Ponty (1962), Casey enfatizou que o lugar é uma estrutura ontológica central do ser-no-mundo, em parte devido à nossa existência como seres “corporificados”. Estamos “presos pelo corpo a estar no lugar” (CASEY, 1994, p. 104), assim, por exemplo, a forma física do corpo humano imediatamente regulariza o nosso mundo em termos de aqui-lá, próximo-longe, acima-abaixo, superior-inferior e direita-esquerda. Da mesma forma, a inteligência precognitiva do corpo se expressa através da ação – o que Merleau-Ponty (1962) chamou de “sujeito do corpo” – representa a pessoa em um estrato pré-reflexivo de gestos, movimentos e rotinas corporais assumidas (EDIGE 1994; HILL, 1985; SEAMON, 1979; TOOMBS, 1992a; 1995a; 1995b).

As amplas discussões filosóficas de Relph (1976; 1990; 1993; 1996) continuam a ser um guia conceitual significativo para as fenomenologias empíricas de lugar (BOSCHETTI, 1991; 1993; 1996; CHAFFIN, 1989; MASUCCI, 1992; MILLION, 1993; SEAMON, 1993). Talvez o exemplo mais abrangente seja fornecido por Million (1993), que examinou fenomenologicamente a experiência de cinco famílias rurais canadenses forçadas a deixar suas fazendas por causa da

4 N. T.: No original “*unencompassability*”.

5 N. T.: No original “[P]lace”.

construção de uma represa no Sul de Alberta. Com base nas noções de interioridade e exterioridade de Relph (RELPH, 1976), Million procurou identificar as principais qualidades-vividas do que ela chamou de **deslocamento involuntário** – a experiência das famílias na realocação e reassentamento forçado. Utilizando entrevistas em profundidade com as famílias como sua base descritiva, ela demonstrou como o lugar é anterior ao deslocamento involuntário, com o resultado de que essa experiência pode ser entendida metaforicamente como uma jornada forçada marcada por oito etapas.

Tornar-se desconfortável, lutar para permanecer, e ter que aceitar surgem no estudo do Million como os três primeiros estágios do deslocamento involuntário, onde as famílias percebem que devem deixar seu lugar de origem. O processo então avança para **assegurar um assentamento e procurar pelo novo** – dois estágios que marcam um “meio-termo” – isto é, uma fase intermediária de uma jornada forçada e um momento em que as famílias se sentem mais distantes do lugar. Finalmente, com o **recomeço, lembretes inquietantes e querendo se estabelecer**, as famílias avançam para os três estágios de uma fase de reconstrução. O estudo de Million é significativo porque examinou os fundamentos da experiência local em um grupo de pessoas e delineou os estágios vividos no processo de perda de lugar e tentativa de reassentamento⁶.

6 Intimamente relacionados ao tema do lugar estão três outros tópicos fenomenológicos significativos: primeiro, o espaço sagrado (BARNES, 1992; BRENNEMAN; BRENNEMAN, 1995; CHIDESTER; LINENTHAL, 1995; COOPER MARCUS, 1993; ELIADE, 1961; LANE, 1988; LIN, 1991; LIN; SEAMON, 1994; MUGERAUER, 1994, cap. 4; WHONE, 1990; WU, 1993); segundo, em casa e em casa (BACHELARD, 1963; BARBEY, 1989; BOLLNOW, 1961; BOSCHETTI, 1990, 1993, 1995; CASEY, 1993; CHAWLA, 1994, 1995; COOPER MARCUS, 1995; DAY, 1995; DOVEY, 1985; GRAUMANN, 1989; KOOP, 1993; LESTRANGE, 1998; MUGERAUER, 1994; NORRIS, 1990; PALLASMAA, 1995; ROUNER, 1996; SEAMON, 1993a; SHAW, 1990; SILVERSTEIN, 1994; SINCLAIRE, 1994; STEFANOVIC, 1992; WINNING, 1991, 1992; WU, 1991); e, terceiro, o trabalho que trata de uma fenomenologia da ética ambiental (ABRAMS, 1996; CHENEY, 1989; FOLTZ, 1995; MARGADANT-VAN ARCHEN, 1990; STEFANOVIC, 1991; WESTON, 1994).

Um empirismo radical

Se uma suposição fenomenológica chave é a conexão íntima entre pessoa e mundo, uma segunda suposição relaciona-se com o que chamo de “empirismo radical” – a maneira particular pela qual essa conexão com o mundo da pessoa deve ser estudada. Ao usar esta frase descritiva, tento encapsular o coração do método fenomenológico, indicando uma forma de estudo em que o pesquisador procura estar aberto ao fenômeno e permitir que ele se mostre em sua plenitude e complexidade por meio de seu próprio envolvimento e compreensão direta. Na medida em que esse estilo de estudo surge através do contato direto com o fenômeno experimentado pelo pesquisador, a abordagem pode ser chamada de “empírica”, embora o termo seja usado de maneira muito diferente pelos cientistas positivistas que se referem a dados que são materialmente identificáveis e matematicamente graváveis.

Se, em outras palavras, o método fenomenológico pode ser chamado de empírico, ele deve ser identificado como “radicalmente”, já que a compreensão surge diretamente da sensibilidade e da percepção pessoal do pesquisador, e não das habituais construções de segunda mão da ciência positivista – por exemplo, teoria e conceitos *a priori*, hipóteses, procedimentos metodológicos predeterminados, medidas estatísticas de correlação e similares. Mais precisamente, podemos fazer as seguintes afirmações sobre o método fenomenológico como um empirismo radical:

1. O estudo deve envolver o contato direto do pesquisador com o fenômeno

Se o fenomenólogo estuda a experiência de uma pessoa ou grupo, então ele deve encontrar essa experiência da forma mais direta possível.

Possibilidades metodológicas incluem a participação do pesquisador na experiência, a realização de entrevistas em profundidade com a pessoa ou grupo que tenha a experiência, ou a observação cuidadosa e a descrição da situação em apoio ou relacionada à experiência. Se o fenômeno que está sendo estudado é algum tipo de artefato ou texto – por exemplo, fotografias, romance, música ou paisagem – o pesquisador deve encontrar maneiras de mergulhar no texto para que se torne o mais familiar possível com ele. Assim, ele pode estudar cuidadosamente o texto e registrar profundamente sua experiência e compreensão. Ele pode pedir a outras partes que respondam ao texto e forneçam suas percepções e conscientização. Ou ele pode estudar o entendimento do texto por outros comentaristas – por exemplo, ler resenhas do romance ou estudar todos os comentários críticos sobre o autor ou artista em questão.

Em suma, o pesquisador deve facilitar para si uma intimidade com o fenômeno por meio do envolvimento prolongado e em primeira mão.

2. O fenomenólogo deve assumir que ele não conhece o fenômeno, mas o deseja

Idealmente, o fenomenólogo aborda o fenômeno como um iniciante – na verdade, a fenomenologia é frequentemente definida como uma “ciência dos primórdios” (STEWART; MUKUNAS, 1990, p. 5). Enquanto, na pesquisa positivista, a estudante tipicamente começa sua investigação sabendo o que ele não conhece, o fenomenólogo, não sabe o que não sabe. O fenômeno é um território inexplorado que o estudante tenta explorar.

O fenomenólogo deve, portanto, sempre adaptar seus métodos à natureza e às circunstâncias do fenômeno. Um conjunto de procedimentos que funcionem para um problema fenomenológico pode ser inadequado em outro lugar. Nesse sentido, o instrumento central

de decifrar o fenômeno é o **próprio pesquisador fenomenológico**. Ele deve ser direto, mas flexível em frente ao fenômeno.

Em suma, o fenomenólogo não tem uma noção clara do que ele vai encontrar ou como as descobertas vão continuar. A habilidade, a perspicácia e a dedicação do pesquisador são o motor da pesquisa fenomenológica e pressupõem quaisquer procedimentos metodológicos específicos.

3. Dado que o pesquisador como instrumento humano é o coração do método fenomenológico, os métodos de pesquisa específicos que ele usa devem retratar prontamente a experiência humana em termos experimentais

Os melhores métodos fenomenológicos, portanto, são aqueles que permitem que a experiência humana surja de uma maneira rica, não estruturada e multidimensional. Se o formato da entrevista parece ser a melhor maneira de obter um relato do fenômeno, então o pesquisador deve estar aberto aos entrevistados e adaptar suas perguntas, tom e interesse aos comentários dos entrevistados e à sua própria compreensão enquanto aprende mais sobre o fenômeno. Se o pesquisador usa um romance, uma fotografia ou algum outro texto artificial para examinar o fenômeno, então ele deve estar disposto a retornar às suas partes repetidas vezes, especialmente se uma exploração de uma nova peça oferece *insights* sobre outras partes já consideradas.

Em suma, o método fenomenológico incorpora uma certa incerteza e espontaneidade que deve ser aceita e transformada em possibilidade e padrão. A abordagem fenomenológica de um determinado fenômeno deve ser desenvolvida de forma criativa e permitir uma fluidez de métodos e processos de pesquisa.

MÉTODOS FENOMENOLÓGICOS ESPECÍFICOS

Tendo considerado, em linhas gerais, alguns componentes centrais do método fenomenológico, a seguir desejo revisar as tentativas de identificar tipos metodológicos específicos de pesquisa fenomenológica. Na maior parte, foram os psicólogos – especialmente os psicólogos, associados ao que veio a ser chamado de “Escola Duquesne de Psicologia Fenomenológica” – que procuraram estabelecer métodos processuais confiáveis para conduzir pesquisas empíricas fenomenológicas (GIORGI *et al.*, 1983; VALLE, 1998, MOUSTAKAS, 1994).

Com base nas designações do psicólogo fenomenológico de Duquesne, von Eckartsberg (1998a, 1998b), discuto duas abordagens metodológicas – o que von Eckartsberg chama de existencial e hermenêutico. Eu também adiciono uma terceira abordagem que eu chamo de **primeira pessoa**. Descrevo primeiro essa abordagem, pois ela se baseia no campo de experiência mais próximo do pesquisador – sua própria situação vivida.

Pesquisa fenomenológica em primeira pessoa

Na investigação fenomenológica de primeira pessoa, o pesquisador usa sua própria experiência em primeira mão do fenômeno como base para examinar suas características e qualidades específicas (CHAFFIN, 1989; LANE, 1988; SHAW, 1992; WU, 1991). Por exemplo, essa abordagem foi uma das várias que usei na tentativa de compreender o caráter único de *Olana* – a casa do pintor paisagista americano do século XIX, Frederic Church, com vista para o rio *Hudson* (SEAMON, 1992). Através de estar no sítio e andar, olhar, escrever, esboçar, e assim por diante, eu tentei empatizar e identificar as qualidades

arquitetônicas, ambientais e humanas que fazem de *Olana* um lugar especial, pelo menos para mim como visitante representativo do século XX. Outro exemplo é o trabalho de Violich (1985; 1998), que examinou as qualidades contrastantes de lugar de várias cidades da Dalmácia com diferentes layouts espaciais. Usando técnicas como esboços, mapeamentos e anotações em um diário, ele mergulhou em cada lugar por vários dias e procurou “ler” cada um como um todo (VIOLICH, 1985, p. 113).

Um dos usos mais sensíveis e exaustivos da pesquisa fenomenológica em primeira pessoa é o trabalho de Toombs (1992a; 1992b; 1995a; 1995b), que vive com esclerose múltipla, uma doença incurável que afeta sua capacidade de ver, ouvir, sentar e ficar em pé. Em seu trabalho, que em geral pode ser descrito como uma fenomenologia da doença, ela demonstrou como noções fenomenológicas como o corpo vivido proporcionam “insights importantes sobre as profundas perturbações do espaço e do tempo que são um elemento integrante das capacidades físicas alteradas como a perda de mobilidade” (TOOMBS, 1995b, p. 9).

O método de Toombs envolveu uma dialética contínua entre noções fenomenológicas, como conceitualmente compreendida, versus sua concretude, como conhecida diretamente em sua própria experiência vivida. Por exemplo, para fornecer uma compreensão de como a perda de mobilidade da pessoa com deficiência leva a uma interação alterada com o mundo ao redor, Toombs relatou em detalhes uma experiência típica – sua jornada de avião para uma conferência profissional. Em um ponto de sua narrativa, ela descreveu o *check-in* no aeroporto:

Uma vez no terminal, vou ao balcão de *check-in* da companhia aérea. Encima da minha *scooter* a bateria, fico aproximadamente com um metro de altura e o balcão fica no mesmo nível do topo da minha cabeça. Toda a minha conversa com a pessoa atrás do

balcão acontece no nível do ouvido. A pessoa atrás do balcão deve esticar-se para pegar meus tickets, e eu preciso esticar o pescoço e gritar para ser ouvida (TOOMBS, 1995b, p. 14).

De tais exemplos vívidos, Toombs extraiu generalizações fenomenológicas – por exemplo, ela descreveu como sua perda da postura ereta se relaciona com as noções mais amplas de intencionalidade corporal de Merleau-Ponty e a transformação do estilo corpóreo (MERLEAU-PONTY, 1962, p. 76). Assim, a perda da retidão não se limita a problemas de locomoção, mas envolve também dimensões experimentadas mais profundas, como a diminuição da própria autonomia e a tendência das pessoas de tratar os deficientes como dependentes ou mesmo como subnormais.

Outra maneira, pela qual a abordagem em primeira pessoa pode ser usada na fenomenologia, é como um ponto de partida a partir do qual o fenomenólogo pode conscientizar “suas noções preconcebidas e preconceitos em relação à experiência investigada, para que o pesquisador seja menos propenso a interpretar [o fenômeno]” (SHERTOCK, 1998, p. 162).

Desde que o fenomenólogo tenha acesso em sua própria experiência ao fenômeno que planeja estudar, a pesquisa em primeira pessoa pode oferecer clareza e discernimento com base no próprio mundo da vida. Esse entendimento é derivado de um mundo de um, no entanto, o pesquisador deve encontrar maneiras de envolver o mundo dos outros. Essa necessidade leva ao método de pesquisa fenomenológico-existencial.

Pesquisa existencial-fenomenológica

A base para a generalização na pesquisa fenomenológico-existencial são as experiências específicas de indivíduos e grupos específicos

envolvidos em situações e lugares reais (VON ECKARTSBERG, 1998a, p. 4). Na discussão do mundo da vida e da pesquisa acima, a fenomenologia do deslocamento involuntário de Million (1998) e a fenomenologia da paisagem de Nogué i Font (1993) são bons exemplos de que a base para a generalização são as experiências do mundo real, como os fazendeiros forçados a se mudar ou os fazendeiros e pintores paisagistas de *Garrotxa*. Similarmente, em meu trabalho sobre uma “geografia do mundo da vida” (SEAMON, 1979), eu pedi aos voluntários para participarem de grupos de discussão e compartilhem suas próprias experiências ambientais e de lugar (SEAMON, 1979).

Os psicólogos fenomenológicos, particularmente aqueles associados à Escola Duquesne, dedicaram um esforço considerável para estabelecer um conjunto claro de procedimentos e técnicas para esse estilo de fenomenologia (VALLE, 1998). Por exemplo, van Eckartsberg (1998b) fala de quatro etapas no processo: (1) identificar o fenômeno no qual o fenomenólogo está interessado; (2) coletar relatos descritivos dos entrevistados sobre sua experiência do fenômeno; (3) estudar cuidadosamente os relatos dos entrevistados com o objetivo de identificar quaisquer semelhanças e padrões subjacentes; e (4) apresentar resultados, tanto para os entrevistados no estudo (na forma de um “*debriefing*” sobre o estudo em linguagem comum) quanto para colegas pesquisadores (na forma de apresentação acadêmica).

Outros fenomenólogos discutiram os passos no trabalho fenomenológico-existencial de maneiras que, mais ou menos, ecoam os quatro estágios de von Eckartsburg (GIORGI, 1985; CHURCHILL et al., 1998; WERTZ, 1984). Seja qual for o fraseado particular, a suposição comum é que os relatos descritivos individuais, quando cuidadosamente estudados e considerados coletivamente, “revelam sua própria organização-significativa temática se nós, enquanto pesquisadores, permanecemos abertos à sua orientação e fala, sua

revelação, quando atendemos a eles” (VON ECKARTSBERG, 1998b, p. 29).

Ao afirmar em gerar uma generalização precisa, a abordagem fenomenológico-existencial faz uma suposição importante: há certa equivalência de significado para os entrevistados cuja experiência o pesquisador investiga. Em outras palavras, a alegação é que “as pessoas em uma comunidade cultural e linguística compartilhada nomeiam e identificam sua experiência de forma consistente e compartilhada” (VON ECKARTSBERG, 1998a, p. 15). Processualmente, essa afirmação significa que os entrevistados (1) devem ter a experiência sob investigação e (2) serem capazes de se expressar de forma clara e coerente de maneira falada, escrita ou gráfica, dependendo das ferramentas específicas usadas para extrair explicações experienciais. Idealmente, os entrevistados também sentirão um interesse espontâneo no tópico da pesquisa, uma vez que a preocupação pessoal pode motivar o entrevistado a fornecer as descrições vívidas mais completas e precisas (SHERTOCK, 1998, p. 162).

Esses requisitos significam que a investigação não é realizada, como na ciência positivista, em uma amostra aleatória de sujeitos intercambiáveis representativos da população para os quais as descobertas serão generalizáveis. Pelo contrário, alguns entrevistados serão mais apropriados do que outros por causa de sua situação particular em relação ao fenômeno estudado ou porque parecem mais perceptivos, portanto mais capazes de articular sua experiência. Geralmente, na pesquisa fenomenológica, “sujeitos” são chamados de “respondentes” ou “co-pesquisadores”, já que qualquer entendimento generalizável é uma função das sensibilidades do entrevistado e do pesquisador.

Na prática, não há um procedimento passo-a-passo para a realização de pesquisas fenomenológicas existenciais além dos estágios gerais

identificados acima. Como explicado anteriormente, o estilo individual do pesquisador e a natureza específica do fenômeno são muito mais importantes para estabelecer o procedimento de pesquisa específico e as ferramentas de descrição. Em seu estudo do deslocamento involuntário, por exemplo, Million (1993) passou muito tempo localizando participantes que desejavam compartilhar sua experiência e que pareciam ser capazes de oferecer esse compartilhamento de maneira ponderada e articulada. Ela envolveu esses participantes em várias entrevistas detalhadas, cujos formatos se moldaram e se reformularam conforme ela aprendia mais sobre a experiência de cada família e sobre os eventos mais amplos da construção da barragem. Além disso, ela morou com algumas das famílias da fazenda e pediu-lhes para acompanhá-la em “excursões” às áreas inundadas que costumavam ser suas fazendas. Em suma, os métodos e procedimentos específicos de Million eram auxiliares à natureza e às necessidades de seu próprio estilo de pesquisa individual, seus participantes de pesquisa e seu fenômeno de deslocamento involuntário.

Pesquisa hermenêutico-fenomenológica

Mais amplamente, a hermenêutica é a teoria e prática da interpretação (MUGERAUER, 1994, p. 4), particularmente a interpretação de textos, que pode ser qualquer objeto material ou expressão tangível imbuído de alguma forma com significado humano – por exemplo, um documento público, um diário pessoal, um poema, uma canção, uma pintura, uma dança, uma escultura, um jardim e assim por diante. O ponto chave hermenêutico é que o criador do texto não está normalmente disponível para comentar sobre sua criação ou significância, assim, o pesquisador hermenêutico deve encontrar

maneiras de descobrir significados através do próprio texto. Como Von Eckartsberg (1998b, p. 50) descreve o processo hermenêutico:

A gente se incorpora no processo de se envolver no texto, começa a discernir configurações de significado, de partes e todos e suas inter-relações, recebem-se certas mensagens e vislumbres de um desdobramento de desenvolvimento que pede para ser articulado e relacionado ao tecido total de significado. A abordagem hermenêutica parece apalpar seu objeto e abrir espaço para que esse objeto se revele a nossos olhos e ouvidos, para que ele conte sua própria história para nosso entendimento.

Em minha própria pesquisa fenomenológica, o estudo hermenêutico foi importante – por exemplo, usei as fotografias de Nova York do fotógrafo pioneiro André Kertész como uma maneira de examinar a relação entre o mundo da pessoa e o mundo da vida urbana (SEAMON, 1990a). Da mesma forma, recorri aos romances da escritora Doris Lessing para desenvolver uma fenomenologia do relacionamento humano e local (SEAMON, 1993a).

No geral, muito do trabalho fenomenológico relacionado à pesquisa de comportamento ambiental tem sido hermenêutico porque o objetivo é muitas vezes compreender as pessoas em relação aos ambientes materiais, sejam móveis, edifícios, paisagens culturais, padrões de assentamento e similares (ALEXANDER, 1987; 1993; ALEXANDER *et al.*, 1977; ANELLA, 1990, BRENNEMAN, 1995; CHAFFIN, 1989; CHAWLA, 1994; CHIDESTER; LINENTHAL, 1995; CONDON, 1991; HARRIES, 1988; 1993; 1997; HIEB, 1990; LIN, 1991; LIPTON, 1990; MUGERAUER, 1993; 1994; 1995; NORBERG-SCHULZ, 1980; 1988; 1996; PATERSON, 1991; 1993a; 1993b; RELPH, 1976; 1990; 1992; RIEGNER, 1993; SEAMON, 1991; 1993a; 1994; SILVERSTEIN, 1993b; STEFANOVIC, 1994; MARKOVICH; PREISER; STURM, 1990; SWENTZELL, 1990; THIIIS-EVENSEN, 1987; WALKEY, 1993; WU, 1993).

Um exemplo útil do valor de uma abordagem fenomenológico-hermenêutica na pesquisa de comportamento ambiental é o trabalho do arquiteto norueguês Thiis-Evensen (1987), que propõe uma linguagem universal de arquitetura, focando nas qualidades experimentadas de **piso, parede e telhado**, que ele diz ser “os elementos mais básicos da arquitetura” (THIIIS-EVENSEN, 1987, p. 8). Através de uma leitura hermenêutica de muitos edifícios diferentes, em diferentes culturas e períodos históricos, Thiis-Evensen sugere que esses três elementos arquitetônicos não são arbitrários, mas sim comuns a todos os estilos arquitetônicos e tradições. O fundamento existencial essencial de piso, parede e telhado, argumenta, é a **relação entre o interior e o exterior**: sendo apenas o que eles são, o piso, a parede e o telhado criam automaticamente um interior no meio de um exterior, mas de maneiras diferentes: o chão, **acima e abaixo**; a parede, **por dentro e ao redor**; e o telhado, **por baixo e por cima**.

Thiis-Evensen demonstra que o relativo grau de interioridade ou exterioridade de um prédio em relação ao piso, parede e teto pode ser esclarecido através do **movimento, peso e substância** – o que ele chama de três “expressões existenciais da arquitetura” (THIIIS-EVENSEN, 1987, p. 21). O movimento se relaciona com o senso de dinamismo ou inércia evocado pelo elemento arquitetônico – ou seja, se ele parece se expandir, contrair ou descansar em equilíbrio. O peso envolve a sensação de peso ou leveza do elemento e sua relação com a gravidade. Substância refere-se ao sentido material do elemento – seja ele suave ou duro, grosseiro ou fino, quente ou frio e assim por diante. O resultado, afirma Thiis-Evensen, é um intrincado conjunto de tensões entre os elementos arquitetônicos e a experiência.

Em seu trabalho, Thiis-Evensen supõe que a forma arquitetônica e o espaço pressupõem e contribuem para várias qualidades existenciais compartilhadas – interioridade-exterioridade, leveza-gravidade, calor-

frio, e assim por diante – que marcam a fundação da arquitetura como os seres humanos a experimentam (SEAMON, 1991). Por exemplo, se alguém estuda as qualidades vividas das escadas, percebe que as escadas estreitas normalmente se relacionam com a privacidade e fazem o usuário subir mais rapidamente do que subir escadas largas, o que expressa melhor o significado público e cerimonial. Da mesma forma, escadas íngremes expressam luta e força, isolamento e sobrevivência – qualidades experimentadas que às vezes levam ao uso de escadas íngremes como símbolo sagrado, como nos templos maias ou na *Scala Sancta* de Roma. Por outro lado, escadas rasas encorajam um ritmo calmo e confortável e tipicamente envolvem uso secular, como, por exemplo, os degraus de Michelangelo que levam ao Monte Capitolino do *Campidoglio* de Roma (THIIS-EVENSEN, 1987, p. 89-103).

Discuto detalhadamente o trabalho de Thiis-Evensen aqui, porque é um exemplo excepcional do esforço de um pesquisador de olhar para um texto – edifícios em muitos tempos e lugares diferentes – e identificar uma série de temas experimentais que fazem justiça à “integridade, complexidade e ser essencial do fenômeno” (VON ECKARTSBERG, 1998b, p. 50). Uma prova do valor da teoria experimental de Thiis-Evensen é que outros pesquisadores descobriram que sua interpretação é uma linguagem útil para examinar detalhadamente o trabalho de arquitetos e estilos arquitetônicos específicos (KUSHWAH, 1993; LIN, 1991; LIN; SEAMON, 1994; RAMASWAMI, 1991). Ao mesmo tempo, é importante enfatizar que Thiis-Evensen não afirma que seu modo de interpretação arquitetônica é o único caminho, e claramente poderia haver outras hermenêuticas da arquitetura que forneçam outras maneiras de apresentar e entender o significado arquitetônico (HARRIES, 1988; 1993; 1997; MUGERAUER, 1993; 1994; ALEXANDER, 1987; 1993). Este é um aspecto fundamental de todo trabalho

hermenêutico: há muitas maneiras de interpretar o texto, portanto, a interpretação nunca é completa, mas está sempre em andamento.

Métodos de combinação

Muitas vezes o pesquisador fenomenológico utiliza as abordagens de primeira pessoa, existencial e hermenêutica em combinação, assim, por exemplo, Nogué i Font (1993), em sua fenomenologia da paisagem *Garrotxa*, fez uso de entrevistas, mas também fez leituras hermenêuticas do século XIX. As fotografias de *Garrotxa*, do século XIX, e as fotos de artistas associados à escola *Garrotxa* de pintura de paisagem do século XIX.

Um dos exemplos mais sensíveis de um estudo fenomenológico que recorre a vários métodos é o estudo de Chaffin de uma paisagem fluvial de Louisiana, evocando um senso de lugar e comunidade (CHAFFIN, 1989). O foco de Chaffin é a *Isle Brevelle*, uma comunidade ribeirinha de 200 anos no rio *Cane* da Paróquia *Natchitoches*, na Louisiana. Seu veículo conceitual para explorar esse lugar é simples, mas eficaz: mover-se de dentro para fora, primeiro, apresentando a história e a geografia da região, entrevistando moradores e, finalmente, canoando o rio *Cane*, que ele percebe ser o “foco da comunidade no íntimo e no geral” (CHAFFIN, 1989, p. 41). Ao deslizar pelas margens do rio, tomou consciência de um ritmo de água, topografia, vegetação e assentamento humano:

Uma vez na água, os sentimentos anteriores de alienação e intrusão desapareceram. Entrei diretamente em contato com um ritmo espacial. Assim como o horizonte do vale é formado pelas colinas de areia ao redor, o horizonte do rio é formado pelo leito elevado [a terra que se estende de um canal até o topo de um dique natural ou artificial], recortada contra o céu quando vista de uma canoa. Eu tive a sensação paradoxal de ser alto e

baixo ao mesmo tempo; mantido entre os bancos, mas tão alto quanto os campos ao redor.

Os meandros da corrente outrora selvagem organizaram essa experiência. Como eu remei em torno das curvas, o ritmo se desenrolou. Do lado de fora da curva, eu estava contido por um banco íngreme, enfatizado por cedros vermelhos. Apenas telhados e carros passando ao longo da estrada do rio sugeriam um mundo além. Por dentro, fui lançado em um mundo ribeirinho de enseadas, penínsulas e bancos ondulantes, suavizados por salgueiros negros, alguns até crescendo diretamente da água em barras submersas... À medida que as curvas mudavam de direção, a contenção e a liberação oferecidas pelos dois lados do rio alteravam-se sucessivamente e, em "meu próprio mundinho do rio", tudo parecia se encaixar (CHAFFIN, 1989, p. 102).

Em seu estudo, Chaffin começou com um estudo hermenêutico da paisagem natural e cultural através de documentos científicos e históricos. Ele também observou a comunidade de *Isle Brevelle* em primeira mão e reconheceu um forte senso de lugar, que ele entendeu mais plenamente através de uma fase existencial de estudo envolvendo entrevistas. Finalmente, através da experiência em primeira pessoa de canoagem no rio, ele viu claramente que o rio não é uma aresta que separa as duas margens, mas sim uma junção que une os dois lados como um só lugar.

CONFIABILIDADE E PESQUISA FENOMENOLÓGICA

Embora a pesquisa fenomenológica nas ciências humanas tenha sido criticada em vários campos⁷, talvez a preocupação mais significativa entre os cientistas sociais positivistas treinados convencionalmente seja a questão da **confiabilidade** – em outras palavras, que critérios

⁷ Eu tenho discutido várias dessas críticas em outros lugares (SEAMON, 1987, p. 15-19).

podem ser usados para estabelecer a confiabilidade de descrições fenomenológicas e interpretações?

De uma perspectiva fenomenológica, a questão da confiabilidade envolve antes de tudo a **adequação interpretativa**: em outras palavras, como pode haver um ajuste preciso entre experiência e linguagem, entre o que conhecemos como indivíduos em nossas vidas versus como esse conhecimento pode ser teoricamente colocado com precisão? Como von Eckartsberg (1998a, p. 15) explica,

Como é que podemos dizer o que experimentamos e, no entanto, vivemos sempre mais do que podemos dizer, para que possamos sempre dizer mais do que de fato fazemos? Como podemos avaliar a adequação ou inadequação de nossa expressão em termos de fazer justiça à qualidade de vida integral da experiência descrita?

Além da questão da fiel interpretação fenomenológica da experiência existe o dilema potencial que vários fenomenólogos, lidando com a mesma evidência descritiva, podem apresentar suas interpretações de maneira diferente e chegar a significados inteiramente diferentes. Em um artigo comparando três interpretações de base fenomenológica com base na mesma evidência descritiva, Churchill e seus colegas (CHURCHILL *et al.*, 1998) tentaram lidar com essa questão da relatividade interpretativa. Eles apontaram que, na pesquisa positivista convencional, a confiabilidade refere-se ao fato de que se pode estabelecer uma **equivalência** de medida, em que a medição se refere à quantificação de acordo com uma escala ou padrão predeterminado (CHURCHILL *et al.*, 1998, p. 64). Se, no entanto, a "medição" deve ser aplicada às descrições qualitativas da pesquisa fenomenológica, a equivalência requerida é muito mais difícil de estabelecer: "Não é apenas o critério de concordância entre duas descrições verbais não definidas claramente, mas também se torna igualmente difícil

estabelecer a concordância entre os juízes em relação à equivalência de descrições” (CHURCHILL *et al.*, 1998, p. 64).

Como forma de considerar fenomenicamente a questão da confiabilidade, Churchill e seus colegas organizaram o seguinte experimento fenomenológico: Eles apresentaram o mesmo conjunto de descrições narrativas a três pesquisadores, todos treinados no método fenomenológico⁸. Cada pesquisador estava livre para apresentar suas considerações e questionamentos sobre as descrições. Depois de estudar as três interpretações resultantes, Churchill e seus colegas concluíram que, embora houvesse algumas diferenças nas ênfases, havia também um núcleo temático comum⁹. Esse resultado indica que a interpretação fenomenológica oferece algum grau de equivalência, já que “um conjunto coerente de temas pode ser obtido a partir de três diferentes resultados de pesquisa interpretativa” (CHURCHILL *et al.*, 1998, p. 81). Por outro lado, também houve diferenças entre as três interpretações, mas essas diferenças não indicam o fracasso da fenomenologia como método, mas, ao contrário, demonstram o fato existencial de que a interpretação humana é sempre apenas parcial¹⁰.

8 A descrição relacionada às práticas sexuais atuais de uma jovem que já havia sido vítima de um estupro.

9 Este núcleo temático envolveu um enfoque comum em “uma hesitação dentro da experiência [do entrevistado] da agência ativa para a passiva, com a passividade emergindo precisamente naqueles momentos em que uma decisão é requerida na parte do [entrevistado]. Da mesma forma, todos os três a veem como “rejeitando” o seu corpo – desconectando-se “ela mesma” de suas ações quando sua integridade está em jogo. Finalmente, todos os três veem que a sua integridade dentro da situação é uma função dela [...] desejo de uma experiência sexual que é “compartilhada e recíproca” (CHURCHILL *et al.*, 1998, p. 81).

10 Do ponto de vista fenomenológico, a experiência de Churchill é artificial no sentido de que os pesquisadores que interpretam a descrição vivida não a coletaram de fato do respondente, portanto não tinham noção do contexto vivido a partir da qual a descrição surgiu. Além disso, esses pesquisadores foram recrutados após a descrição já ter sido solicitada, portanto, não tinham interesse pessoal ou participação no fenômeno em estudo. É significativo que, apesar dessas deficiências, os três pesquisadores puderam identificar temas centrais semelhantes.

Nesse sentido, a confiabilidade a partir de uma perspectiva fenomenológica não pode ser definida como alguma equivalência de medida baseada em alguma escala de cálculo predefinida, separada da experiência e compreensão do pesquisador. Em vez disso, a confiabilidade só pode ser obtida por meio do que pode ser chamado de **corroboração intersubjetiva** – em outras palavras, outras partes envolvidas podem encontrar em sua própria vida e experiência, direta ou indiretamente, o que o fenomenólogo encontrou em seu próprio trabalho? Pode-se concluir que as conclusões de qualquer estudo fenomenológico não são mais nem menos do que “possibilidades” interpretativas abertas ao escrutínio público de outras partes envolvidas. Como Giorgi (apud CHURCHILL *et al.*, 1998, p. 81) explica:

Assim, o ponto principal a ser lembrado com esse tipo de pesquisa não é tanto se uma outra posição com relação às [descrições originais] poderia ser adotada (este ponto é concedido de antemão), mas se um leitor, adotando os mesmos pontos de vista articulados pelo pesquisador, também pode ver o que o pesquisador viu, mesmo se ele concorda ou não com ele. Esse é o critério-chave para a pesquisa qualitativa.

Apesar da relatividade da confiabilidade fenomenológica, tem havido esforços dos fenomenólogos para estabelecer critérios qualitativos que possam ajudar a julgar a validade da interpretação fenomenológica – pelo menos em termos gerais (VAN MANEN, 1990; POLKINGHORNE, 1983). Polkinghorne (1983, p. 46), por exemplo, apresentou quatro qualidades para ajudar os leitores a julgar a confiabilidade da interpretação fenomenológica: **vivacidade, precisão, riqueza e elegância**. Primeiro, a vivacidade é uma qualidade que atrai leitores, gerando um senso de realidade e honestidade. Em segundo lugar, a exatidão refere-se à credibilidade em que os leitores

são capazes de reconhecer o fenômeno em seus próprios mundos da vida ou podem imaginar a situação vicariamente. Em terceiro lugar, a riqueza relaciona-se com a profundidade e a qualidade estéticas da descrição, de modo que o leitor possa entrar na interpretação tanto emocional como intelectualmente. Por fim, a elegância aponta para uma economia descritiva e uma revelação do fenômeno de maneira graciosa e até pungente.

Usando esses quatro critérios, pode-se avaliar a eficácia do trabalho fenomenológico específico – por exemplo, os estudos em primeira pessoa acima mencionados de Toombs e Violich. Note-se que, a partir de uma perspectiva positivista convencional, a confiabilidade deste trabalho seria imediatamente questionada por causa da questão da subjetividade e da interpretação em primeira pessoa: Como o leitor pode ter certeza de que os dois pesquisadores entendem suas próprias experiências de uma maneira precisa no reino da experiência humana em geral?

Mas também observe que, em termos dos quatro critérios de Polkinghorne, a questão não é mais subjetividade, mas sim o **poder de convencer**: as interpretações em primeira pessoa de Toombs e Violich são fortes o suficiente para engajar o leitor e levá-lo a aceitar as conclusões dos pesquisadores?

A esse respeito, a fenomenologia da doença em primeira pessoa de Toombs (1993a; 1993b) é bem-sucedida em termos de todos os critérios de Polkinghorne: sua escrita é vívida, precisa e rica no sentido de que o leitor é atraído pela realidade de suas descrições e pode acreditar que se relacionam com experiências concretas que ele, o leitor, pode facilmente entrar em segunda mão. Além disso, o trabalho de Toombs é elegante porque existe uma clara inter-relação entre as experiências do mundo real e a interpretação conceitual. Em suma,

o leitor pode participar imaginativamente das situações e conclusões de Toombs. O que ela diz “parece certo”, já que suas conexões entre a teoria fenomenológica e a experiência vivida permitem que o leitor “veja” sua situação de uma maneira completa e sincera.

Por outro lado, o retrato das cidades dálmatas de Violich pode ser julgado como menos confiável em termos dos quatro critérios de Polkinghorne, porque as interpretações de Violich parecem demais a imagem de uma pessoa de fora experienciando um lugar por um curto período de tempo. Ele descreve essas cidades em grande parte em termos de características físicas e atividades humanas, como sendo lidos publicamente em espaços sociais ao ar livre. Não há noção do que esses lugares significam para as pessoas que vivem e trabalham lá. A interpretação resultante parece incompleta e ausente na plenitude potencial dos lugares, como são os cotidianos da vida¹¹.

Em última análise, o teste mais significativo de confiabilidade para qualquer estudo fenomenológico é seu poder relativo para atrair o leitor para as descobertas do pesquisador, permitindo que o leitor veja seu próprio mundo ou o mundo dos outros de uma forma nova e mais profunda. O melhor trabalho fenomenológico separa as pessoas de seus reconhecimentos usuais e as move ao longo de novos caminhos de entendimento.

¹¹ Por outro lado, o trabalho de Violich ainda é importante porque serve como um modelo para as fenomenologias de lugar na primeira pessoa. Mais estudos desse tipo são necessários, juntamente com outras formas de ler o lugar como no trabalho de Million e Chaffin (MILLION, 1993; CHAFFIN, 1989). Outros modelos úteis incluem a interpretação de Hufford do *New Jersey Pinelands* (HUFFORD, 1986), o trabalho de Lane sobre espaços sagrados e lugares americanos (Lane, 1988), leituras hermenêuticas de Mugerauer da paisagem norte-americana contemporânea (MUGERAUER, 1993, 1994), Pocius em um estudo aprofundado de uma aldeia portuária de *Newfoundland* (POCIUS, 1991) e apresentação de Walkey das casas de vários andares construídas por guildas no norte montanhoso da Grécia, no oeste da Turquia e nos estados vizinhos dos Bálcãs (WALKEY, 1993).

FAZENDO MUNDOS MELHORES

No final, o empreendimento fenomenológico é um empreendimento altamente pessoal e interpretativo. Ao tentar ver o fenômeno, é muito fácil ver muito ou pouco. Olhar e tentar enxergar é um caso muito intuitivo e espontâneo, que envolve tanto o sentimento quanto o pensamento. Nesse sentido, a fenomenologia pode ser descrita como um método para cultivar um modo de ver que cultiva sensibilidades intelectuais e emocionais, com o resultado de que o entendimento pode ser mais completo e abrangente.

Como o trabalho de Thiis-Evensen indica, muitos dos trabalhos fenomenológicos mais recentes e relevantes para a pesquisa de comportamento ambiental utilizam *insights* fenomenológicos para examinar questões de design¹². Como a arquitetura e o design também envolvem regularmente um processo de consciência intuitiva e descoberta, uma abordagem fenomenológica pode ser uma maneira de reacender o interesse dos designers na pesquisa de comportamento ambiental – um interesse que diminuiu seriamente à medida que arquitetos e outros projetistas se sentiam desconfortáveis com a forte postura positivista dos estudos de comportamento ambiental nas décadas de 1970 e 1980. Segundo Franck (1987, p. 65), uma das principais razões para esse desconforto foi a falta de vontade dos cientistas sociais de “entender ou aceitar as estratégias e prioridades [mais intuitivas] das profissões de design”. Franck enfatizou que um dos maiores valores da fenomenologia é o seu potencial para fornecer um lugar para o diálogo entre designers e cientistas sociais, porque dá

¹² Exemplos incluem: Alexander (1987; 1993 *et al.*; 1977); Barbey (1989); Boschetti (1990); Brill (1993); Coates (1998); Coates e Seamon (1993); Cooper Marcus (1993); Dorward (1990); Dovey (1993); Francis (1995); Hester (1993); Howett (1993); Mugerauer (1993; 1994; 1995); Munro (1991); Paterson (1993a, 1993b); Porteous (1989); Seamon (1990b); (Silverstein, 1993a; 1993b); Thiis-Evensen (1987); Violich (1998); Walkey (1993).

atenção “à essência da experiência humana e não a qualquer abstração dessa experiência, e devido à sua capacidade de conciliar ou, talvez, para contornar completamente a divisão positivista entre ‘objetivo’ e ‘subjetivo’” (FRANCK, 1987, p. 65-66).

Ao colocar o trabalho fenomenológico na ampla paisagem intelectual atual, Mugerauer (1993, p. 94-95) aponta para os críticos tanto da “direita” como da “esquerda”. Na “direita” estão os positivistas, que veem a fenomenologia como “subjetiva”, “suave” e “anedótica”. Na “esquerda” estão os pós-estruturalistas e os desconstrutivistas, que questionam a crença da fenomenologia na semelhança, continuidade, padrão e ordem¹³. Na fenomenologia e na hermenêutica, Mugerauer vê um caminho intermediário entre o absolutismo do positivismo, de um lado, e o relativismo do pós-estruturalismo, de outro. É assim, diz Mugerauer, porque em seus esforços para ver e compreender a experiência humana e o significado, de uma maneira gentil e aberta, a fenomenologia busca um equilíbrio entre pessoa e mundo, pesquisador e fenômeno, sentimento e pensamento e experiência e teoria. Esse esforço de equilíbrio, acredita ele, é crucial “se quisermos compreender adequadamente, planejar e construir um ambiente socialmente pluralista e ecologicamente apropriado” (MUGERAUER 1993, p. 94).

¹³ O pós-estruturalismo e a desconstrução tornaram-se uma força conceitual significativa na ciência social e, especialmente, na arquitetura (MUGERAUER, 1994, cap. 3). Para os desconstrutivistas, o significado, o padrão e a qualidade são plurais, diversos, e estão mudando continuamente. O objetivo é a interpretação relativista e a “desconstrução” – o enfraquecimento e o desmantelamento de todos os pressupostos assumidos e dados por pressupostos, sejam eles existenciais, culturais, históricos, políticos ou estéticos. O objetivo é a liberdade de mudar e de se reconstituir continuamente. Para ter essa liberdade inconstante, é preciso lembrar-se de que toda a vida é uma farsa e assim confrontar a natureza ininteligível e relativa do mundo e do ser humano (MUGERAUER, 1988, p. 67). Uma excelente discussão das críticas pós-estrutural-desconstrutivistas da fenomenologia é Mugerauer, 1994, especialmente no capítulo 6.

O impacto a longo prazo da fenomenologia na pesquisa sobre comportamento-ambiental continua em aberto. Os avanços nos últimos dez anos são animadores, embora a abordagem ainda seja obscura entre muitos pesquisadores tradicionais. Espero ter demonstrado neste capítulo que a fenomenologia oferece uma maneira inovadora de observar a relação pessoa-ambiente e identificar e compreender sua estrutura complexa e multidimensional. Também espero ter sugerido que a fenomenologia fornece uma linguagem conceitual útil para conciliar a abordagem mais intuitiva do designer ambiental com a abordagem mais intelectual do pesquisador acadêmico. Nesse sentido, a fenomenologia pode ser uma maneira útil para o pesquisador do comportamento-ambiental em reconciliar as difíceis tensões entre sentimento e pensamento, entre compreensão e projeto, e entre a experiência vivida em primeira mão e seus relatos conceituais de segunda mão. ☉

REFERÊNCIAS

- ABRAMS, D. **The Spell of the sensuous**. New York: Pantheon, 1996.
- Alexander, C. **A new theory of urban design**. New York: Oxford University Press, 1987.
- ALEXANDER, C. **A foreshadowing of 21st century art**: the color and geometry of very early Turkish carpets. New York: Oxford University Press, 1993.
- ALEXANDER, C., ISHIKAWA, S; SILVERSTEIN, M. **A pattern language**. New York: Oxford University Press, 1977.
- ANELLA, T. Learning from the pueblos. In: MARKOVICH, N., PREISER, W; STURM, F. (Eds.). **Pueblo style and regional architecture**. NY: Van Nostrand Reinhold, 1990. p. 31-45.

BARBEY, G. Introduction: towards a phenomenology of home. **Architecture and behavior**, v. 5, n. 9, p. 1-10, 1989.

BARNES, A. **Mount Wellington and the sense of place**. 1992. 252p. Master's thesis, Department of Environmental Studies, University of Tasmania, Hobart, Tasmania, Australia.

BEHNKE, E. Field notes: lived place and the 1989 earthquake in northern California. **Environmental and architectural phenomenology newsletter**, v. 1 n. 2, p. 10-14, 1990.

BERENDT, J. **The third ear**: on listening to the world. New York: Henry Holt, 1985.

BERLEANT, A. **Art and engagement**. Philadelphia: Temple University Press, 1991.

BERLEANT, A. **The aesthetics of environment**. Philadelphia, PA: Temple University Press, 1992.

BURCH, R. On phenomenology and its practices [part I], **Phenomenology + pedagogy**, v. 7, p. 187-217, 1989.

BURCH, R. On phenomenology and its practices [part II], **Phenomenology + pedagogy**, v. 8, p. 130-160, 1990.

BURCH, R. On phenomenology and its practices [part III], **Phenomenology + pedagogy**, v. 9, p. 167-193, 1991.

BOLLNOW, O. F. Lived-space. **Philosophy Today**, v. 5, n. 1, p. 31-39, 1961.

BORTOFT, H. **The wholeness of nature**: Goethe's way toward a science of conscious participation in nature. Hudson, New York: Lindesfarne Press, 1996.

BOSCHETTI, M. Reflections on home: Implications for housing design for elderly persons. **Housing and society**, v. 17 n. 3, p. 57-65, 1990.

BOSCHETTI, M. Staying in place: farm homes and family heritage. **Housing and society**, v. 10, n. 2, p. 1-16, 1993.

BOSCHETTI, M. Attachment to personal possessions: an interpretive study of the older person's experience. **Journal of interior design**, v. 21, p. 1-12, 1995.

BRENNEMAN, W. L., Jr.; BRENNEMAN, M. G. **Crossing the circle at the Holy wells of Ireland**. Charlottesville: University Press of Virginia, 1995.

BRILL, M. An architecture of peril: Design for a waste isolation pilot plant, Carlsbad, New Mexico. **Environmental and architectural phenomenology newsletter**, v. 4, n. 3, p. 8-10, 1993.

CASEY, E. S. **Getting back into place**. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

CASEY, E. S. **The fate of place: a philosophical history**. Berkeley: University of California Press, 1997.

CHAFFIN, V. F. Dwelling and rhythm: the Isle Brevelle as a landscape of home. **Landscape journal**, v. 7, n. 2, p. 96-106, 1989.

CHAWLA, L. **In the first country of places: nature, poetry, and childhood memory**. Albany, New York: SUNY Press, 1994.

CHAWLA, L. Reaching home: Reflections on environmental autobiography. **Environmental and architectural phenomenology newsletter**, v. 6, n. 2, p. 12-15, 1995.

CHENEY, J. Postmodern environmental ethics: Ethics as bioregional narrative, **Environmental ethics**, n. 11, n. 2, p. 117-134, 1989.

CHIDESTER, D; LINENTHAL, E. T. (Eds.). **American sacred space**. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

CHURCHILL, S. D. *et al.* The question of reliability in interpretive psychological research. In: VALLE, R. (Eds.). **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, 1998. p. 63-85.

CLOKE, P; PHILO, C; SADLER, D. **Approaching human geography: an introduction to contemporary theoretical debates**. New York: Guildford Press, 1991.

COATES, G. J. **Erik Asmussen, Architect**. Stockholm: Byggförget, 1997.

COATES, G. J; SEAMON, D. Promoting a foundational ecology practically through Christopher Alexander's pattern language: the example of meadowcreek. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing and designing: toward a phenomenological ecology**. Albany, New York: SUNY Press, 1993. p. 331-354.

CONDON, P. M. Radical Romanticism. **Landscape journal**, v. 10, n. 1, p. 3-8, 1991.

COOPER MARCUS, C. Designing for a commitment to place: lessons from the alternative community Findhorn. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing and designing: toward a phenomenological ecology**. Albany, New York: SUNY Press, 1993. p. 299-330.

COOPER MARCUS, C. **House as a mirror of self**. Berkeley, California: Conari, 1995.

CORNER, J. A discourse on theory I: "sounding the depths" – Origins, Theory, and Representation. **Landscape Journal**, v. 9, n. 2, p. 61-78, 1990.

DAVIS, T. Photography and landscape studies. **Landscape Journal**, v. 8, n. 1, p. 1-12, 1989.

DAY, M. D. Home in the postmodern world: an existential phenomenological study. Paper presented at the International Human Science Research Conference, Halifax, Nova Scotia, 1996.

DORWARD, S. **Design for mountain communities: A landscape and architecture guide**, 1990.

DOVEY, K. Home and homelessness. In: ALTMAN, I; WERNER, C. M. (Eds.). **Home environments**. New York: Plenum, 1985. p. 33-64.

DOVEY, K. Putting geometry in its place: toward a phenomenology of the design process. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing and**

designing: Toward a phenomenological ecology. Albany: SUNY Press, 1993. p. 247-269.

EDIGER, J. **A phenomenology of the listening body.** 1993. Doctoral dissertation, Institute of Communication Research, University of Illinois, Champaign-Urbana.

ELIADE, M. **The sacred and the profane.** New York: Harcourt, 1961.

EMBREE, L. **The encyclopedia of phenomenology.** Dordrecht, the Netherlands: Kluwer, 1996.

FOLTZ, B. **Inhabiting the earth:** Heidegger, environmental ethics, and the metaphysics of nature. New York: Humanities Press, 1995.

FRANCK, K. Phenomenology, positivism, and empiricism as research strategies in environment-behavior research and design. In: MOORE, G. T.; ZUBE, E. (Eds.). **Advances in environment, behavior and design** (vol. I). New York: Plenum, 1987. p. 59-67.

GIORGI, A.; BARTON, A.; MAES, C. (Eds.). **Duquesne studies in phenomenological psychology** (vol. 4). Pittsburgh: Duquesne University Press, 1983.

GIORGI, A. (Eds.). **Phenomenology and psychological research.** Pittsburgh, PA: Duquesne University Press, 1985.

GLASER, B. G.; STRAUS, A. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research.** Chicago: Aldine, 1967.

GRAUMANN, C. F. Towards a phenomenology of being at home. **Architecture and behavior**, v. 5, p. 117-126, 1989.

HARRIES, K. The voices of space. *Center*, v. 4, p. 34-49, 1988b.

HARRIES, K. Thoughts on a non-arbitrary architecture. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing and designing:** toward a phenomenological ecology. Albany, New York: SUNY Press, 1993. p. 41-59.

HARRIES, K. **The Ethical function of architecture.** Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1997.

HEELAN, P. A. **Space-perception and the philosophy of science.** Berkeley: University of California Press, 1983.

HEIDEGGER, M. **Being and Time.** New York: Harper & Row, 1962.

HEIDEGGER, M. **Poetry, Language, and Thought.** New York: Harper & Row, 1971.

HESTER, R. Sacred structures and everyday life: A return to Manteo, North Carolina. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing and designing:** toward a phenomenological ecology Albany, New York: SUNY Press, 1993. pp. 271-297.

HILL, M. H. Bound to the environment: towards a phenomenology of sightlessness. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Eds.). **Dwelling, place and environment.** New York: Columbia University Press, 1985. p. 99-111.

HOWETT, C. "If the doors of perception were cleansed": toward an experiential aesthetics for the designed landscape. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing:** toward a phenomenological ecology. Albany, New York: SUNY Press, 1993. pp. 61-73.

HUFFORD, M. **One space, many places:** folklife and land use in New Jersey's Pinelands National Reserve. Washington, D. C.: American Folklife Center, 1986.

JACKSON, M. **Things as they are:** new directions in phenomenological anthropology. Bloomington: University of Indiana Press, 1996.

JARVILUOMA, H. (Eds.). **Soundscapes:** essays on vroom and moo. Tampere, Finland: Tampere University, 1994.

JONES, E. **Reading the book of nature:** a phenomenological study of creative expression in science and painting. Athens, OH: Ohio University Press, 1989.

LANE, B. **Places of the sacred:** geography and narrative in American spirituality. New York: Paulist Press, 1988.

Uma maneira de ver as pessoas e o lugar: a fenomenologia na pesquisa do comportamento ambiental

David Seamon

KUSHWAH, R. Louis I. **Kahn and the phenomenology of architecture:** an Interpretation of the Kimbell Art Museum using Thomas Thiis-Evensen's Theory of Architectural Archetypes. 1993. 142p. Master's thesis, Department of Architecture, Kansas State University, Manhattan, Kansas.

LESTRANGE, R. **Psyche speaking through our place attachments: Home and journey as a process of psychological development.** 1998. 328p. Doctoral dissertation, Department of Clinical Psychology, Pacifica Graduate Institute, Carpinteria, California.

LIN, Y. **Le Corbusier's Chapel at Ronchamp, Frank Lloyd wright's unitarian church, and Mies van der Rohe's Chapel at IIT:** a phenomenological interpretation of modern sacred architecture based on Thiis-Evensen's Archetypes in architecture. 1991. Master's thesis, Department of Architecture, Kansas State University, Manhattan, Kansas.

LIN, Y.; SEAMON, D. A Thiis-Evensen Interpretation of two churches by Le Corbusier and Frank Lloyd wright. In: FELDMAN, R. M.; HARDIE, G.; SAILE, D. G. (Eds.). **Power by design:** EDRA Proceedings 24. Oklahoma City, Oklahoma: Environmental Design Research Association, 1994. p. 130-142.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. **Naturalistic inquiry.** Newbury Park, California: Sage, 1985.

LIPTON, T. Tewa visions of space. In: MARKOVICH, N.; PREISER, W.; STURM, F. (Eds.). **Pueblo style and regional architecture.** NY: Van Nostrand Reinhold, 1990. p. 133-139.

LOW, S. M. Developments in research design, data collection, and analysis: qualitative methods. In: MOORE, G. T.; ZUBE, E. (Eds.). **Advances in environment, behavior and design** (vol. I). New York: Plenum, 1987. p. 279-303.

MARGADANT-VAN ARCHEN, M. Nature experience of 8-to-12-year-old children. **Phenomenology + pedagogy**, v. 8, p. 86-94, 1990.

MASUCCI, M. The chesapeake bay bridge: development symbol for Maryland's eastern shore. In: JANELLE, D. G. (Eds.). **Geographical snapshots of North America.** New York: Guildford, 1992. p. 74-77.

MERLEAU-PONTY, M. **The Phenomenology of Perception.** New York: Humanities Press, 1962.

MEURANT, R. **The Aesthetics of the sacred.** Whangamat: The Institute of Traditional Studies, 1989.

MILLION, M. L. **"It was home":** a phenomenology of place and involuntary displacement as illustrated by the forced dislocation of five southern Alberta families in the Oldman River Dam Flood Area. 1992. 472p. Doctoral dissertation, Saybrook Institute Graduate School and Research Center, San Francisco, California.

MOUSTAKAS, C. **Phenomenological research methods.** Newbury Park, CA: Sage, 1994.

MUGERAUER, R. Derrida and beyond. **Center**, v. 4, 66-75, 1988.

MUGERAUER, R. Toward an architectural vocabulary: the porch as a between. In: SEAMON D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing:** toward a phenomenological ecology. Albany: SUNY Press, 1993. p. 103-128.

MUGERAUER, R. **Interpretations on behalf of place:** environmental displacements and alternative responses. Albany: SUNY Press, 1994.

MUGERAUER, R. **Interpreting environments:** tradition, deconstruction, hermeneutics. Austin: University of Texas Press, 1995.

MUNRO, K. A. **Planning for place:** phenomenological insights in urban design. 1991. Master's thesis, School of Community and Regional Planning, University of British Columbia, Vancouver, British Columbia.

NOGUÉ I FONT, J. Toward a phenomenology of landscape and landscape experience: An example from Catalonia. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing**: toward a phenomenological ecology. Albany, New York: SUNY Press, 1993. p. 159-180.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci**: toward a Phenomenology of Architecture. New York: Rizzoli, 1980.

NORBERG-SCHULZ, C. **Architecture**: meaning and place. New York: Rizzoli, 1988.

NORBERG-SCHULZ, C. **Nightlands**: nordic building. Cambridge: MIT Press, 1996.

NORRIS, C. Stories of paradise: What is home when we have left it? **Phenomenology + pedagogy**, v. 8, p. 237-244, 1990.

OLDENBURG, R. **The great good place**. New York: Paragon House, 1989.

PALLASMAA, J.; BENJAMIN, D. N. (Eds.). Identity, intimacy, and domicile: a phenomenology of home. In: BENJAMIN, D. N. (Eds.). **The home**: Words, interpretations, meanings and environments London: Avery, 1995. p. 33-40.

PALLASMAA, J. **The eyes of the skin**: architecture and the senses. London: Academy Editions, 1996.

PATERSON, D. D. Fostering the avant-garde within. **Landscape Journal**, v. 10, n. 1, p. 27-36, 1991.

PATERSON, D. D. Dualities and dialectics in the experience of landscape, Design + Values: In: **CELA Conference Proceedings** (vol. 4). Washington, D. C.: Council of Educators in Landscape Architecture, p. 147-166, 1993a.

PATERSON, D. D. Design, language, and the preposition: on the importance of knowing one's position in place. In: **Trames**, vol. 8. Quebec: Faculté de l'aménagement, Université de Montréal, 1993b. p. 74-86.

Patton, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

POCIUS, G. **A Place to belong**: community order and everyday space in calvert, Newfoundland. Athens: University of Georgia Press, 1991.

POCOCK, D. C. D. Humankind-environment: musings on the role of the hyphen. In: BOAL, F. W; LIVINGSTON, D. N. (Eds.). **The behavioural environment**. London: Routledge, 1989. p. 82-90.

POCOCK, D. C. D. The senses in focus. **Area**, v. 25, n. 1, p. 11-16, 1993.

POLKINGHORNE, D. **Methodology for the human sciences**. Albany: SUNY Press, 1983.

PORTEOUS, J. D. **Planned to death**: the annihilation of a place called Howdendyke. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

PORTEOUS, J. D. **Landscapes of the mind**: worlds of sense and metaphor. Toronto: University of Toronto Press, 1990.

RATTNER, D. M. **Moldings**: the atomic units of classical architecture. **Traditional Building**, v. 6, n. 4, p. 72-73, 1993.

RAMASWAMI, M. **Toward a phenomenology of wood**: Interpreting the Yoshimura House, a Japanese vernacular dwelling, through Thiis-Evensen's architectural archetypes. 1992. Master's thesis, Department of Architecture, Kansas State University, Manhattan, Kansas.

RAPOPORT, A. **A critical look at the concept "place"**. **National Geographic Journal of India**, v. 40, p. 31-45, 1994.

REHORICK, D. **Shaking the foundation of lifeworld**: a phenomenological account of an earthquake experience. **Human Studies**, v. 9, n. 4, p. 379-391, 1986.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

RELPH, E. A curiously unbalanced condition of the powers of the mind: Realism and the ecology of environmental experience. In: BOAL, F. W;

LIVINGSTON, D. N. (Eds.). **The behavioral environment**: essays in reflection, application, and re-evaluation. London: Routledge, 1989a.

RELPH, E. Responsive methods, geographical imagination and the study of landscapes. In: KOBAYASHI, A; MACKENZIE, S. (Eds.). **Remaking human geography**. Boston: Unwin Hyman, 1989b. p. 149-163.

RELPH, E. **Geographical imagination**. National geographical journal of India, v. 36, p. 1-9, 1990.

RELPH, E. Modernity and the reclamation of place. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing**: toward a phenomenological ecology. Albany, NY: SUNY Press, 1993. p. 25-40.

RELPH, E. Reflections on Place and placelessness. **Environmental and architectural phenomenology newsletter**, v. 7, n. 3, p. 14-16, 1996.

RIEGNER, M. Toward a holistic understanding of place: reading a landscape through its flora and fauna. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing**: toward a phenomenological ecology. Albany: SUNY Press, 1993. p. 181-215.

ROUNER, L. S. (Eds.). **Longing for home**. Notre Dame, Indiana: Notre Dame University Press, 1996.

SCHAFER, M. **The tuning of the world**. New York: Knopf, 1977.

SCHÖNHAMMER, R. The walkman and the primary world of the senses, **Phenomenology + pedagogy**, v. 7, p. 127-144. 1989.

SEAMON, D. **A Geography of the lifeworld**. New York: St. Martin's, 1979.

SEAMON, D. The phenomenological contribution to environmental psychology. **Journal of Environmental Psychology**, v. 2, n. 2, p. 119-140, 1982.

SEAMON, D. Phenomenology and environment-behavior research. In: MOORE, G. T; ZUBE, E. (Eds.). **Advances in environment, behavior and design** (vol. I). New York: Plenum, 1987. pp 3-27.

SEAMON, D. Humanistic and phenomenological advances in environmental design. **Humanistic psychologist**, v. 17, n. 1-3, p. 280-293, 1989.

SEAMON, D. Awareness and reunion: a phenomenology of the person-environment relationship as portrayed in the New York photographs of André Kertész. In: ZONN, L. (Eds.). **Place images in the media Totowa**, New Jersey: Roman and Littlefield, 1990a. p. 87-107.

SEAMON, D. Using pattern language to identify sense of place: American landscape painter Frederic Church's Olana as a test case. In: SELBY, R. (Eds.). **Coming of age**: Proceedings. EDRA, 1990 Oklahoma City, Oklahoma: Environmental Design Research Association, 1990b. p. 171-179.

SEAMON, D. Toward a phenomenology of the architectural lifeworld. In: HANCOCK, J; MILLER, W. (Eds.). **Architecture**: back..to...life [Proceedings of the 79th Annual Meeting of the Association of Collegiate Schools of Architecture]. Washington, D. C.: ACSA Press, 1991. p. 3-7.

SEAMON, D. A Diary interpretation of place: artist Frederic Church's Olana. In: JANNELLE, D. G. (Ed.). **Geographical snapshots of North America**. New York: Guilford Press, 1992. p. 78-82.

SEAMON, D. Different worlds coming together: A phenomenology of relationship as portrayed in Doris Lessing's diaries of Jane Somers. In: SEAMON, D. (Ed.). **Dwelling, seeing and designing**: toward a phenomenological ecology Albany: SUNY Press, 1993a. p. 219-246.

SEAMON, D. (Ed.). **Dwelling, seeing and building**: toward a phenomenological ecology. Albany: SUNY Press, 1993b.

SEAMON, D. The life of the place: A phenomenological reading of Bill Hillier's space syntax. **Nordisk arkitekturforskning** [Nordic journal of architectural research], v. 7, n. 1, p. 35-48, 1994.

SEAMON, D. [Phenomenology and] behavioral geography. In EMBREE, L. (Eds.). **Encyclopedia of phenomenology**. Dordrecht, the Netherlands: Kluwer, 1997. p. 53-56.

SEAMON, D; MUGERAUER, R. (Eds.). **Dwelling, place and environment**: towards a phenomenology of person and world. New York: Columbia University Press, 1985.

SEAMON, D; ZAJONC, A. **Goethe's way of science**: toward a phenomenology of nature. Albany, NY: SUNY Press, 1998.

SHAW, S. Returning home. **Phenomenology + pedagogy**, v. 8, p. 224-236, 1990.

SHERRY, J. F. JR. (Eds.). **Servicescapes**: the concept of place in contemporary markets. Chicago: NTC/Contemporary Publishing Co., 1998.

SHERTOCK, T. Latin American women's experience of feeling able to move toward and accomplish a meaningful and challenging goal. In: VALLE, R. (Ed.). **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, 1998. p. 157-174.

SILVERSTEIN, M. **Mind and the world**: The interplay of theory and practice. *Architecture California*, v. 15, n. 2, p. 20-28, 1993a.

SILVERSTEIN, M. The first roof: Interpreting a spatial pattern. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing**: toward a Phenomenological Ecology. Albany, New York: SUNY Press, 1993b. p. 77-101.

SILVERSTEIN, M. Is place a journey? **Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter**, v. 5, p. 12-15, 1994.

SINCLAIRE, C. **Looking for home**: a phenomenological study of home in the classroom. Albany: State University of New York Press, 1994.

SPIEGELBERG, H. **The phenomenological movement**. Dordrecht: Martinus Nijhoff, 1982.

SMITH, T. S. Ojibwe Persons: toward a phenomenology of an American lifeworld. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 20, n. 2, p. 130-144, 1989.

STEFANOVIC, I. L. **Evolving sustainability**: a re-thinking of ontological foundations. *Trumpeter*, v. 8, p. 194-200, 1991.

STEFANOVIC, I. L. The experience of place: housing quality from a phenomenological perspective. **Canadian Journal of Urban Research**, v. 1, n. 2, p. 145-161, 1992.

STEFANOVIC, I. L. Temporality and architecture: a phenomenological reading of built form. **Journal of Architectural and Planning Research**, v. 11, n. 3, p. 211-225, 1994.

STEWART, D; MUKUNAS, A. **Exploring phenomenology**: a guide to the field and its literature. 2 ed. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1990.

STURM, F. Aesthetics of the Southwest. In: MARKOVICH, N.; PREISER, W; STURM, F. (Eds.). **Pueblo style and regional architecture**. NY: Van Nostrand Reinhold, 1990. p. 81-92.

SWENTZELL, R. Pueblo space, form, and mythology. In: MARKOVICH, N. C; PREISER, W. F. E; STURM, F. G. **Pueblo Style and Regional Architecture**. NY: Van Nostrand Reinhold, 1990. p. 23-30.

MARKOVICH, N. C; PREISER, W. F. E; STURM, F. G. (Eds.). **Pueblo style and regional architecture**. NY: Van Nostrand Reinhold, 1990.

THIIS-EVENSEN, T. **Archetypes in architecture**. Oslo: Scandinavian University Press, 1987.

TOOMBS, S. K. The body in multiple sclerosis: a patient's perspective. In: LEDER, D. (Ed.). **The body in medical thought and practice**. Dordrecht, the Netherlands: Kluwer, 1992a. p. 127- 137.

TOOMBS, S. K. **The meaning of illness**: a phenomenological account of the different perspectives of physician and patient. Dordrecht, the Netherlands: Kluwer, 1992b.

TOOMBS, S. K. **Sufficient unto the day**: a life with multiple sclerosis. In S. K., 1995a.

TOOMBS, S. K. The lived experience of disability. **Human studies**, v. 18, n. 1, p. 9-23, 1995b.

TUAN, Y. **Passing strange and wonderful**: aesthetics, nature, and culture. Washington, D. C.: Island Press, 1993.

VALLE, R. **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, 1998.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience**. Albany: SUNY Press, 1990.

VESELY, D. On the relevance of phenomenology. In: PERRELLA, S. (Eds.). **Form; being; absence**: pratt journal of architecture, 2. (New York: Rizzoli, 1988. p. 54-60.

VIOLICH, F. Toward revealing the sense of place: an intuitive "reading" of four Dalmatian towns. In: SEAMON, D; MUGERAUER, R. (Eds.). **Dwelling, place and environment**: towards a phenomenology of person and world. New York: Columbia University Press, 1985. p. 113-136.

VIOLICH, F. **The bridge to Dalmatia**: a search for the meaning of place. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1998.

VON ECKARTSBERG, R. Introducing existential-phenomenological psychology. In: VALLE, R. (Eds.). **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, 1998a. p. 3-20.

VON ECKARTSBERG, R. Existential-phenomenological research. In: VALLE, R. (Eds.). **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, 1998b. p. 21-61.

WALKEY, R. A lesson in continuity: the legacy of the builders guild in northern Greece. In: SEAMON, D. (Eds.). **Dwelling, seeing, and designing**: toward a phenomenological ecology. Albany, New York: SUNY Press, 1993. p. 129-157.

WAPNER, S. et al. (Eds.). **Theoretical perspectives in environment-behavior research**. New York: Plenum, 2000. p. 157-78. Tradução de Alvaro Letelier Hidalgo, 2018.

WEINER, J. F. **The empty place**: poetry, space and being among the Foi of Papua, New Guinea. Bloomington. Indiana University Press, 1991.

WERTZ, F. J. Procedures in phenomenological research and the question of validity. In: AANSTOOS, C. (Eds.). **Exploring the lived world**: Readings in phenomenological psychology. Carrolton, Georgia: West Georgia College, 1984. p. 29- 48.

WESTON, A. **Back to Earth**: tomorrow's Environmentalism. Philadelphia: Temple University Press, 1994.

WHONE, H. **Church, monastery, cathedral**: an illustrated guide to Christian symbolism. Longmead, Dorsetshire, Great Britain: Element Books, 1990.

WINNING, A. Homesickness. **Phenomenology + pedagogy**, v. 8, p. 245-258, 1990.

WINNING, A. The speaking of home. **Phenomenology + pedagogy**, v. 9, p. 172-181, 1991.

WU, K. K. Pilgrim cathedral. **Architecture and Behavior**, v. 9, p. 191-204, 1993.

WU, Z. The lived experience of being a foreigner. **Phenomenology + Pedagogy**, v. 9, p. 267-275, 1991.

Submetido em Julho de 2018.

Aceito em Dezembro de 2018.